

Do sintoma ao *sinthome*: suas implicações para a psicopatologia psicanalítica

From symptom to sinthome: its implications for psychoanalytic psychopathology

Del síntoma al sinthome: sus implicaciones para la psicopatología psicoanalítica

Du symptôme au sinthome: ses implications pour la psychopathologie psychanalytique

RENATO JESUS APARECIDO DE PRAGA PALMA

A partir da articulação da teoria de Sigmund Freud com o ensino de Jacques Lacan, traremos algumas considerações sobre a concepção do conceito sintoma para a clínica psicanalítica e as modificações produzidas no último ensino de Lacan a partir da perspectiva do nó borromeano, passando a denominá-lo “sinthome”. Desdobraremos nossa investigação no entendimento da mudança que esse conceito trouxe para a psicopatologia psicanalítica e, conseqüentemente, para a direção do tratamento e o final de análise.

Palavras-chave: Sintoma. Sinthome. Tratamento. Psicopatologia.

Grande parte da obra de Freud se apresenta como um esforço de entendimento dos processos de formação do sintoma. Ele o define de diferentes modos no decorrer de seus estudos: assim como os sonhos, o sintoma é determinado por processos inconscientes de deslocamento e de condensação; o sintoma tem um sentido e tem conexão com a história de quem os produz (Freud, 1917[1916-1917]/1998); ele é uma formação de compromisso entre duas exigências opostas, a defesa, que coloca em ação o recalque, e o conteúdo recalcado, que visa a satisfação (Freud, 1989/1998; 1917[1916-1917]/1998a); ele tem relação com as experiências sexuais infantis e repete a forma primeva de satisfação, criando substitutos da satisfação frustrada; ele despreza os objetos da realidade externa ao rejeitar o princípio de realidade e satisfazer o princípio de prazer (Freud, 1917[1916-1917]/1998a). Em suma, o sintoma freudiano surge como um derivado distorcido que abre caminho para a satisfação, para a realização do desejo inconsciente, se apresentando como uma formação mais aceitável para o Eu. Freud concebe que há uma satisfação infantil imbuída nos sintomas, aspecto esse que se mostra inédito e estranho a outras concepções sobre o sintoma de sua época.

Lacan vai na mesma linha de interpretação freudiana e dá um passo a mais ao definir o sintoma a partir de uma estrutura de linguagem, como metáfora a ser decifrada. Em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1957-1958/1998) ele afere: “pois é por esses fenômenos se ordenarem nas figuras desse discurso que eles têm fixidez de sintomas, que são legíveis e se resolvem ao serem decifrados” (p. 556). Até os anos 60, Lacan prioriza o simbólico não só na constituição dos sintomas como em toda estruturação psíquica. Há uma “outra cena” onde “isso pensa”, que é regida simbolicamente por uma cadeia significante e que determina o sujeito. O Outro como matriz simbólica, “tesouro do significante”, evoca nesse primeiro momento o lugar do inconsciente lacaniano, o que é evidenciado na sua frase canônica de que “o inconsciente é o discurso do Outro” (Lacan, 1957/1998, p. 529). Um déficit da função simbólica, ordenado pela ausência do significante Nome-do-Pai, produziria um desarranjo no imaginário, trazendo consequências na relação com o corpo e com a própria linguagem.

Nesse momento, Lacan fornece ampla relevância ao simbólico. Ele considera que há um funcionamento autônomo da linguagem no inconsciente, como uma outra parte que pensa à revelia do sujeito e que o determina. Isso traz implicações para o conceito de sintoma. Nos capítulos 15 e 16 do seminário *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-1955/1985), bem como em *O seminário sobre a carta roubada*

(1956/1998), Lacan indaga sobre qual seria o motor que impulsiona a repetição dos sintomas. Nesses dois trabalhos, o autor descreve a repetição a partir de um funcionamento simbólico, como uma insistência de elementos significantes que dão nome ao retorno do recalcado.

Para exemplificar a lei de repetição intrínseca aos sintomas, Lacan (1956/1998) parte do jogo do par ou ímpar para mostrar que a partir de uma imprevisibilidade do real pode-se estabelecer um determinado tipo de organização, isto é, um determinado enquadramento simbólico que rege o psiquismo e para o qual todos os mecanismos de atuação e de repetição devem obedecer. Essa ordenação simbólica dirige o percurso repetitivo e constitui a memória, a lei e, conseqüentemente, a subjetividade. Memória e repetição surgem em harmonia, uma vez que o simbólico constitui tanto a memória, enquanto saber inconsciente, quanto a lei de repetição, enquanto insistência desse saber produzido na fantasia.

Mas se nesse período Lacan associa a repetição ao inconsciente enquanto simbólico, à ideia de que “não há outra ligação, a não ser a dessa determinação simbólica” (Lacan, 1956/1998, p.56), oito anos mais tarde ele vem relacioná-la à pulsão de morte. Se o “automatismo de repetição” (*wiederholungszwang*) remetia-se apenas à insistência de elementos simbólicos, no seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1985), Lacan considera que nem tudo é representação, o que o faz questionar qual seria o encontro primeiro que estaria por detrás da fantasia. Nesse seminário, ao examinar o jogo do *Fort-da*, o autor salienta que a repetição não se apresenta como repetição de uma necessidade, como um pedido de retorno da mãe, mas como “aquilo que não está lá enquanto representado” (p.67), aludindo que o que movimenta a repetição é um encontro com o real. Lacan utiliza como referência o sonho traumático para pensar a repetição no seminário de 1964. Nesse momento, ela adquire outra significação ao se apresentar como um constante encontro com o que é da ordem da falta, do inassimilável, evidenciando um campo para além dos mecanismos simbólicos.

Se no seminário *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* o Outro foi apresentado como uma instância simbólica que, em si, responde ao movimento repetitivo, agora ele se mostra como um campo faltoso por ser repetidamente atravessado pelo que é da ordem do trauma, do inabarcável pela cadeia significativa, remetendo-se ao trauma da pulsão. O autor sustentou o descentramento do sujeito, o seu não reconhecimento pelos registros imaginário e simbólico, uma vez que sempre há um ponto de falha que transpõe

o reconhecimento pela imagem e os recursos simbólicos oferecidos pelo Outro. Como nos lembra Leopoldo Kligmann (2007), se o *autômaton* se remete ao inconsciente como articulação significativa (S1 – S2), através do qual o sujeito encontra-se representado e elidido, a *tiquê* faz menção a S1, a um significante sozinho, fora da cadeia, e, por conseguinte, ausente de significação.

Penso a tique em relação ao S1, o elemento que suporta o trajeto pulsional. O inconsciente lacaniano não é sem ele, é uma articulação significativa em relação a um corpo pulsional. [...] A tiquê é uma experiência de ruptura, de desencontro com o *eterno retorno*, uma brecha de criação e desencontro com o Outro da determinação (p. 33 - 34).

Podemos então concluir que o sintoma é interpretado a partir de duas perspectivas: tanto do lado do significante, que se liga aos mecanismos simbólicos de sua formação, quanto do lado pulsional, da exigência de trabalho imposta ao anímico em busca de satisfação.

Grande parte da obra de Freud e do ensino de Lacan partem da suposição de que o inconsciente é um saber, saber esse que é falado, que produz sintomas e que demanda decifração em uma análise. Entretanto, as elaborações teóricas de ambos os autores também dão brecha a um inominável, a algo que faz barreira à compreensão da mensagem cifrada inconsciente, restando sempre algo impossível de saber e de dizer. É o que Freud indica em *Análise terminável e interminável* (1937/1998) ao aludir que no final de uma análise encontra-se um “rochedo”, o intransponível “rochedo da castração”, que produz um silenciamento do sujeito diante do traumático. Nesse trabalho, o autor indaga o que dificultaria a direção da cura. Ele cita três fatores principais: o efeito dos traumas, a intensidade das pulsões e a alteração do eu. Mas salienta que é a intensidade pulsional o principal obstáculo, o que nos permite supor que a barreira predominante à decifração é a pulsão (de morte), que, para Lacan, assume a forma de um encontro com o real inominável, diante do qual faltam palavras, como também carece qualquer tipo de referência a imagem de si, do eu e do outro.

Se até a década de 60 o real era definido em sua comparação com o simbólico, ele passa a assumir a sua predominância no final do ensino de Lacan, trazendo amplas conexões ao conceito de sintoma e consequente à psicopatologia psicanalítica. A partir de 1974, Lacan afirma reiteradamente que o sentido do sintoma é o real (Lacan, 1974;

1975; 1975-1976/2007), como aquilo que oblitera, que faz obstáculo à decifração e que impede que as coisas caminhem rumo ao entendimento. Real e sentido estão em posições opostas, de modo que o real não comporta o sentido, “o real é o que é estritamente impensável” (Lacan, 1974-1975, p. 3) e o sentido é o que advém da articulação entre o simbólico e o imaginário. Percebe-se nas formulações lacanianas desse período que o sentido do sintoma assume uma outra conotação que não aquela da conferência freudiana; nesse momento, “o sentido do sintoma é o real” (Lacan, 1974/1986, p. 24).

O real “ex-siste” ao inconsciente como linguagem e como saber e “ex-siste” à insistência simbólica e ao corpo como consistência imaginária. No seminário *O Sinthoma* (1975-1976/2007), Lacan sustenta que o real em questão tem o valor de um trauma (p. 127), enquanto em *A terceira* (1974/1986) ele complementa que não há esperança alguma de alcançar o real pela representação. Ele não apenas subverte a teoria freudiana sobre o inconsciente e o sintoma, como também revoluciona a sua própria teoria. Se nos seminários anteriores ele parafraseava Picasso com a frase “não procuro, acho!” para se remeter ao processo de uma análise, a partir do Seminário *R.S.I.* observa-se uma clara inversão diante do real nos sintomas: “busco, e busco falidamente!”.

O próprio conceito de significante em nenhum momento do ensino de Lacan foi associado ao sentido ou àquilo que por si só tem potência representativa. Lacan associa S1, isto é, as primeiras marcas significantes, à letra, àquilo que não tem nenhum efeito de sentido ou de comunicação. No seminário *De um discurso que não fosse semblante* 1971/2009, ele conceitua a letra como a borda real do significante, como a herança do que ele designa pelo neologismo “alíngua” (“lalangue”, em francês). É o ajuntamento de letras impressas no corpo que confere alíngua. Ela diz respeito à lalação, que no dicionário da língua portuguesa se relaciona tanto ao balbúcio infantil, de uma fase pré-linguística, quanto ao próprio ato de lalar, de produzir cânticos sonoros para adormecer as crianças, sem efeitos de sentido. Alíngua se configura como uma enunciação, uma articulação significante, sem enunciado, sem efeito de significação, constituindo-se um enigma, como aquilo que do real é impossível de dizer. Evidenciada no balbúcio infantil, alíngua comporta gozo, já que, segundo Lacan (1974/1986) “ela é feita desse próprio gozar” (p.28).

Desde o nascimento a criança recebe um banho de linguagem, com o qual ela não só aprende a se comunicar, como também ficam para trás alguns restos, alguns detritos, por meio dos quais ela brincará, cantará, utilizando a língua como válvula de gozo. Dóris

Rinaldi (2006) observa que a linguagem já é uma elucubração sobre alíngua, pois vem no lugar daquilo que do real é impossível de dizer. É sobre alíngua como gozo que o inconsciente como saber se elabora.

Mais a frente retomaremos a questão sobre como alíngua se presentifica nos sintomas. Antes disso, e para um melhor entendimento dessa questão, é preciso ainda abordarmos as reformulações lacanianas feitas à psicopatologia psicanalítica e as suas implicações para o conceito de sintoma.

Observamos que até a década de 60 Lacan pensa as categorias psiquiátricas de forma estrutural e, claro, leva em conta a descoberta freudiana sobre o inconsciente. Partindo dessas duas referências, ele toma o complexo de Édipo freudiano como um operador de estrutura, e com ele permite entender a castração como lei e o falo como significante. A partir dessa concepção, ele entende que há um significante primordial que estrutura o sujeito, que ele chamou de Nome-do-Pai, cuja operação foi denominada Metáfora Paterna. É a incidência ou não do Nome-do-Pai sobre o Desejo da Mãe na constituição subjetiva que diferencia as classes de estrutura, produzindo maneiras diferentes de lidar com o significante, com o corpo e com o outro.

Mas é com a entrada da topologia no ensino de Lacan que ele passa a pensar as classes psicopatológicas de um outro modo, não mais pela presença ou pela ausência do significante Nome-do-Pai, mas fazendo uso do nó borromeano¹, o que traz reflexos para as categorizações precedentes. No seminário *O Sinthoma*, Lacan diz que a cadeia borromeana é uma metáfora, a partir da qual ele inventa algo novo, um novo modo de escrita, articulando R,S,I (Figura 1).

Aqui o simbólico perde a sua primazia e o real deixa de ser definido como um registro suposto, evidenciado somente na sua comparação com aquele. Em uma breve explanação sobre o simbólico, lembremos que nos anos 50 Lacan o concebe como o registro que organiza a estruturação psíquica, produzindo um furo no real, mas ao mesmo tempo tendo o poder de reconstituí-lo pela palavra. A partir de 1966, Lacan pouco-a-pouco começa a conceder um novo estatuto para o simbólico, como um registro perfurado, incompleto, visto que falta um significante no campo do Outro. Haveria assim

¹ Na topologia matemática, o nó borromeano consiste em no mínimo três círculos que se enlaçam de um modo específico, alcançando uma propriedade chamada de ‘bruniana’, que alude à ideia de que a remoção de qualquer um dos anéis desata por consequência todos os outros. No período de construção do nó, Lacan o fez de forma borromeana sem se importar com a quantidade de anéis.

uma castração na própria estrutura da linguagem, pois o simbólico é não-todo para qualquer estrutura.

Se a castração é para todos, o critério diagnóstico fundado na ideia de ter ou não ter no Nome-do-pai para diferenciar neurose e psicose fica cada vez mais distanciado. Segundo Figueiredo e Machado (2000), a forclusão de um significante primordial deixa de ser exclusiva da psicose, uma vez que ela está para todos. É nesse sentido que Lacan vai afirmar que não há um Nome-do-Pai, mas Nomes-do-pai, formas de fazer frente à castração. O mito edípico na neurose, o delírio na psicose e o fetiche na perversão fariam referência à forma plural de Nomes-do-Pai, consistindo em diferentes modos de amarração do sujeito na estrutura para lidar com a castração na linguagem.

No período de seus exercícios sobre o nó é evidente que Lacan esteve buscando uma satisfação conceitual, e por isso o processo de sua construção foi lento, aparentemente confuso. Lacan constrói, retorna, acrescenta algo novo, reconstrói, na tentativa de produzir uma escrita mínima que refletisse borromeamente o inconsciente.

Na escrita do nó realizada no seminário *R,S,I* (1974-1975), ele conclui que os três registros não se sustentam sozinhos sem um quarto elemento que os ate borromeamente. É necessário um quarto elo que tenha a dimensão de Nome-do-Pai e que produza uma amarração. Ali ele ainda confere outras denominações para esse quarto elemento, chamando-o também de *complexo de Édipo* e de *realidade psíquica*, em uma alusão a Freud (Figura 2). No seminário seguinte ele chega a afirmar que abandona o nó de três, à proporção que não há mais nó senão enquanto sustentado por esse quarto elo (LACAN, 1975-76/2005, p. 41), momento a partir do qual ele também passa a defini-lo por “sinthome”.

No seminário *O Sinthoma* (1975-1976/2007) Lacan supôs haver um modo de amarração específico que teria a função de quarto elo para James Joyce². Ao ler seus escritos e examinar sua história, Lacan presumiu haver um lapso, um erro, um rateamento na estrutura do nó. Esse erro consistia na sobreposição de R sobre S em um determinado ponto, não resultando em um enlaçamento borromeano, o que traria consequências para o imaginário, uma vez que ele ficaria solto (Figura 3). É esse imaginário disjunto, não enlaçado, que explica a imagem confusa que Joyce tinha do seu próprio corpo. Nesse

² James Augustine Aloysius Joyce (1882-1941) foi um poeta irlandês, autor de famosos romances, como *Ulisses* (1922) e *Finnegans Wake* (1939), sendo ele o personagem principal analisado por Lacan em seu seminário *O sinthoma*. Lacan fica fascinado pela forma como Joyce desestrutura as palavras, tendo uma nova forma de utilizar a linguagem.

contexto, a escrita mostra-se essencial a ele, pois permite reconstituir seu ego. Lacan confere a essa escrita o lugar de quarto elo para Joyce, visto que ela repara o erro no enlaçamento de R,S,I, recompondo-o borromeamente (Figura 4).

Guilherme Gaetano (2020) adverte que a escrita que Joyce inventa, com seu modo de trabalhar e de desestruturar a língua, aproxima-o daquilo que uma psicose padece, fazendo Lacan se perguntar se Joyce estava louco. Lacan mostrava a certeza de um Joyce psicótico, evidenciado nas epifanias e nas palavras impostas, mas o exemplo de Joyce também fez Lacan se questionar se ao invés de padecer o psicótico poderia ser útil ao laço social. Sobre essa questão, Gaetano complementa que “um esquema binário de desencadeamento a partir da existência ou não de um significante não era mais apropriado para uma clínica onde a psicose alcança discursividade e laço” (p.11). E a topologia dos nós foi a ferramenta utilizada para responder ao problema que se impôs.

No período do seminário que dedica a Joyce, Lacan desloca a concepção de sintoma, como metáfora a ser decifrada, concebendo-o, a partir de 1975, como “sinthome”, como aquilo que alude ao núcleo real do sintoma, inalisável, sem significação. Em sua *Conferência em Genebra sobre o sintoma* (1975), Lacan inventa a palavra “sinthome” ao se remeter à São Thomas de Aquino, afirmando que ele é um “saint homme” (santo homem) e ao mesmo tempo um “symptôme” (sintoma). Esse termo criado por Lacan surge à partir da homofonia das duas palavras em francês, e se remete ao osso do próprio sintoma, como seu radical real, inalisável, sendo aquilo o que alíngua condiciona (Lacan, 1975-76/2005, p.163). Esse sintoma puro articula letra e gozo, é o que Joyce eleva à potência máxima em sua escrita. Lacan sustenta que a escrita enigmática de Joyce não visa à comunicação, mas tem uma relação com o gozo (o gozo da escrita), sendo isso a única coisa que podemos captar em seu texto. Aí está o “sinthome” para Lacan.

A proposição lacaniana sobre o “sinthome” incide sobre as elaborações sobre o sintoma, a direção do tratamento e o final de análise. O sintoma não alude mais à decifração, mas tem em seu núcleo uma cifra de gozo, como aquilo que toca alíngua. Como real, alíngua se apresenta como a base do simbólico, onde o inconsciente se elabora: “é pelo modo como alíngua foi falada e também ouvida por tal e qual em sua particularidade, que alguma coisa em seguida reaparecerá nos sonhos, em todo tipo de tropeços, em toda espécie de modo de dizer” (Lacan, 1975, s/p.). Para Lacan, é sobre alíngua que reside a tomada do inconsciente. É aí que ele acrescenta uma nova perspectiva

de entendimento do sintoma, como aquilo que vem do real e que se desenvolve no simbólico como um saber inconsciente, mas que também mantém uma dimensão desse saber que não será jamais interpretada, já que ela toca o real.

Ao entender que a escrita de Joyce foi a sua resposta “sinthomática” para o rateamento do nó, Lacan evidencia um “savoir faire” com alíngua. O importante a destacar é que esse quarto elo como “sinthome” traz repercussões para a clínica, de modo que um sujeito pode, a princípio, fabricá-lo num final de análise, extraindo um saber-fazer com o gozo que resta de alíngua ao produzir “sinthome”. Esse resto inanalizável faz menção ao rochedo da castração, à pulsão de morte freudiana, ao gozo diante do qual faltam palavras, mas que a partir dele o sujeito poderá fazer um novo uso num final de análise.

Esse quarto elemento que Lacan à princípio associou ao Nome-do-Pai foi então pluralizado, podendo inclusive ser um elo de amarração construído ou inventado em um final de análise. No seminário *O Sinthoma* (1975-1976/2007) Lacan brinca com a homofonia da palavra “perversion” (perversão) e “père-version” (“pai-versão”) para afirmar que o pai tem versões, e uma delas é o “sinthome”.

O diagnóstico clínico topológico implementa então uma nova concepção de entendimento, pois enquanto o diagnóstico estrutural é descontínuista e opositivo, baseado na ideia de ter ou não ter o Nome-do-Pai, a categorização topológica é continuísta, baseada numa gradação alusiva à relação do sujeito com a linguagem. Nesse sentido, haveria apenas uma estrutura, a da linguagem, sendo estranho dizer a partir dessa abordagem que a psicose seria resultado de um déficit no simbólico (Figueiredo e Machado, 2000). Aqui, as psicopatologias passam a ser entendidas como modos de suplência que incidem como um quarto nó para lidar com a falha na linguagem. Neurose, psicose e perversão são estudadas sob o crivo da topologia, o que não implica necessariamente num descarte das primeiras formulações de Lacan sobre o diagnóstico.

Figuras

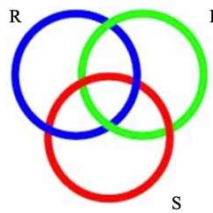


Figura 1: Estrutura elementar do nó borromeano
(Lacan, 1975-1976/2005, p. 21)

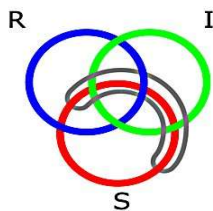


Figura 2: Nó borromeano de 4 aros
(Lacan, 1974-1975, aula 11/02/1975)

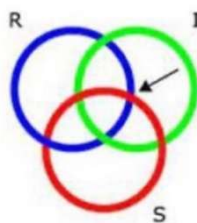


Figura 3: Erro no nó de James Joyce
(Lacan, 1975-1976/2005, p. 147)

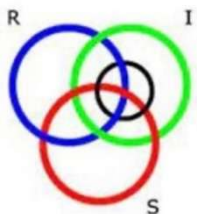


Figura 4: Reparação do erro de enlaçamento no nó de James Joyce
(Lacan, 1975-1976/2005, p. 148)

Referências

- FIGUEIREDO, Ana Cristina Costa; MACHADO, Ondina Maria Rodrigues. **O diagnóstico em psicanálise: do fenômeno à estrutura. Ágora: estudos em teoria psicanalítica.** v. 3, n. 2, pp. 65-86, 2000.
- FREUD, Sigmund. (1899) Carta 105. In: **Obras completas.** Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998, v. 1.
- FREUD, Sigmund. (1917[1916-1917]) El sentido de los síntomas. In: _____. **Obras completas.** Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998, v. 16.
- FREUD, Sigmund. (1917[1916-1917]) Los caminos de la formación de síntoma. In: _____. **Obras completas.** Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998a, v. 16.
- FREUD, Sigmund. (1937) Análisis terminable e interminable In: _____. **Obras completas.** Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998, v. 23.
- GAETANO, Guilherme. **Psicopa-topología: una lectura del nudo borromeo en clave psicopatológica.** Buenos Aires: Letra Viva, 2020.
- KLIGMANN, Leopoldo. Determinación y desencuentro: articulaciones de la repetición entre los Seminarios 2 y 11. In: Hartmann, A. **La función de la repetición.** Buenos Aires: Letra Viva, 2007.
- LACAN, Jacques. (1954-1955) **O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, Jacques. (1956) O seminário sobre a carta roubada. In: _____. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. (1957-1958) De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: _____. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, Jacques. (1964) **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, Jacques. (1971) **O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- LACAN, Jacques. (1974) A terceira. **Che vuoi? Psicanálise e cultura.** ano 1, n. 0, pp. 14-42, 1986.
- LACAN, Jacques. (1974-1975) **Seminário 22: R.S.I., inédito.**

LACAN, Jacques. (1975) **Conferência em Genebra sobre o sintoma**, inédito.

LACAN, Jacques. (1975-1976) **O Seminário, livro 23: o sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

RINALDI, Doris. **Joyce e Lacan: algumas notas sobre escrita e psicanálise**. Pulsional: revista de psicanálise. n. 188, pp. 74-81, 2006.

ABSTRACT

From the articulation of Sigmund Freud's theory and Jacques Lacan's teaching, we will bring some considerations about the concept of symptom in the psychoanalytic clinic and the modifications produced in the Lacan's last teaching from the perspective of the Borromean knot, renaming it "sinthome". We will unfold our investigation in understanding of the change that this concept has brought to psychoanalytic psychopathology and, consequently, to the direction of treatment and to the end of analysis.

Keywords: Symptom. Sinthome. Treatment. Psychopathology.

RESUMEN

Intentaremos hacer algunas consideraciones sobre la concepción del concepto de síntoma para la clínica psicoanalítica y los cambios producidos en la última enseñanza de Lacan desde la perspectiva del nudo borromeo, renombrándolo "sinthome". Prolonguemos nuestra investigación en la comprensión del cambio que este concepto ha traído a la psicopatología psicoanalítica y, en consecuencia, a la dirección del tratamiento y al final del análisis.

Palabras clave: Síntoma. Sinthome. Tratamiento. Psicopatología.

RÉSUMÉ

De l'articulation de la théorie de Sigmund Freud et l'enseignement de Jacques Lacan, nous apporterons quelques réflexions sur le concept de symptôme pour la clinique psychanalytique et les changements produits dans le dernier enseignement de Lacan à

partir de la perspective du noeud borroméen, changeant pour l'appeler "sinthome". Nous allons dérouler notre enquête pour comprendre le changement que ce concept a apporté à la psychopathologie, et par conséquent, à la direction du traitement et à la fin de l'analyse.

Mots clés: Symptôme. Sinthome. Traitement. Psychopathologie.

RENATO JESUS APARECIDO DE PRAGA PALMA

Psicólogo e Psicanalista.

Doutor em Psicologia pela École Doctorale Sociétés, Humanités, Arts et Lettres da Université Côte d'Azur. Mestre e Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Analista membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise. Supervisor clínico no Instituto de Estudos da Complexidade (IEC). Professor da Pós-Graduação em Psicanálise, Clínica e Cultura da Universidade Celso Lisboa.

renatoppalma@hotmail.com

Orcid: 0000-0003-3366-6100

Citação:

PALMA, Renato Jesus Aparecido de Praga. Do sintoma ao *sinthome*: suas implicações para a psicopatologia psicanalítica. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, 2025.

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.

